

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 1

AS ESCOLAS TÉCNICAS SE SALVARAM



Celso João Ferretti: o processo de desintegração da educação atingiu em menor escala as escolas técnicas.



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 2

O professor e pesquisador da Fundação Carlos Chagas, Celso João Ferretti, atualmente desenvolve pesquisas na área de Trabalho e Educação. Na Fundação, as pesquisas desta área têm por objetivo o clareamento das relações entre educação e trabalho, escolaridade e mercado de trabalho, o impacto das novas tecnologias nesse mercado e as pressões que a escola sofre para responder às necessidades da produção. Nesta entrevista, Celso Ferretti esclarece a visão disseminada da relação de trabalho/educação e educação/emprego. O pesquisador também avalia as escolas técnicas, na relação trabalho e emprego, e as mudanças no campo de mercado, bem como as crescentes exigências feita aos trabalhadores.

FOLHA DIRIGIDA – Qual a diferença entre relação trabalho/educação e educação/emprego?

CELSO JOÃO FERRETTI – A relação entre educação e emprego é o que fica mais em evidência quando se fala na relação trabalho e educação. Na verdade essa visão, bastante disseminada, é uma falsa idéia da relação entre trabalho e educação. Nos estudos sobre trabalho e educação, procuramos trabalhar fortemente a idéia de que o trabalho é constitutivo do ser humano, constitutivo da sociedade. Procuramos discutir como a educação é utilizada ou pode contribuir para esse processo de formação, para os estudos através do trabalho. Quando se pergunta sobre a relação entre trabalho e a educação via o ensino técnico, geralmente o que se pretende saber é como a formação técnica pode contribuir para que as pessoas se empreguem. A discussão não é mais da relação entre trabalho e educação, mas sim da relação educação e emprego. Esta última é mais restrita, enquanto a relação entre trabalho e educação é uma discussão mais ampla.

FOLHA DIRIGIDA – Como o senhor analisa os cursos técnicos existentes hoje no Brasil?

CELSO JOÃO FERRETTI – Os cursos técnicos são vistos historicamente como uma formação menor. A própria estrutura do ensino brasileiro, que indica uma formação propedêutica de um lado e formação técnico profissional do outro, é um indicativo desta



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 3

dualidade entre formação geral e formação específica, sendo que neste particular a formação específica tem um status menor. A idéia presente é de que a formação propedêutica é para dirigentes e a formação técnica é para os que vão operar. Isso incomoda os profissionais com formação técnica porque considera que a formação do trabalhador deve muito à formação técnica. Também é preciso considerar que as mudanças no campo do trabalho em meados dos anos 80, a chamada reestruturação produtiva, exigiu uma formação mais sofisticada do técnico, o que teoricamente aproximou mais a formação geral da formação específica, a teoria da prática. Ainda que seja incorreto generalizar o processo de reestruturação produtiva quer para o conjunto da indústria nacional, quer, no mesmo plano, para o comércio, os serviços ou a agroindústria.

FOLHA DIRIGIDA – Há alguns anos, os cursos técnicos e profissionalizantes serviam de mero trampolim para aqueles que queriam chegar ao ensino superior. Hoje isso ainda acontece ou é um equívoco?

CELSO JOÃO FERRETTI – A formação geral propedêutica foi sempre considerada de melhor nível do que a formação específica. Isto esteve presente no Brasil na época em que as escolas, chamadas de ensino secundário e de formação geral, eram freqüentadas pelos setores médios da população e vigorou fortemente até o momento de democratização gradativa do ensino brasileiro, em meados dos anos 60. Isso significa que uma parte da população mais empobrecida da população, que não ingressava na escola, passou a freqüentar o antigo curso ginasial e mais recentemente o ensino médio. O que até pouco tempo era muito restritivo. Se juntar a isso o pouco investimento na educação e na formação de professores nos anos seguintes é possível ver uma escola que se empobrece. Ao lado de um crescimento do atendimento da população diferenciada, que, em parte, trabalha. Apesar da positividade da democratização da educação, as circunstâncias adversas apontadas afetaram a qualidade da escola pública. Nesse processo as escolas técnicas se salvaram. Tanto as estaduais, quanto as federais. Isto porque essas escolas já ofereciam formação técnica e formação geral em tempo integral. Boa parte delas ainda contavam com bons equipamentos, com processo de gestão bem conduzidos. Ainda que autoritários e seletivos. Estas escolas eram consideradas de boa qualidade e procuradas por pessoas que não apenas queriam fazer um curso técnico, mas também adquirir uma boa formação, visando vagas em vestibulares muito concorridos. Ainda hoje, todo mundo reconhece a



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 4

tradição e qualidade destas escolas. Apesar do baque que sofreram com a Lei 5692, que tornou compulsória a formação profissional.

FOLHA DIRIGIDA – Qual é a importância do desenvolvimento dos cursos técnicos para o surgimento de uma nova geração de profissionais? O mercado de trabalho anda carente de pessoas melhor qualificadas ou com conhecimento específico?

CELSO JOÃO FERRETTI – O argumento que existe é de que as mudanças que estão ocorrendo no campo do trabalho exigem profissionais melhor qualificados. Eu não diria que seriam mais ou menos qualificados, e sim com uma qualificação diversificada. Um torneiro mecânico, por exemplo, na sua área de atuação era altamente qualificado. Esse mesmo torneiro mecânico hoje é considerado, pelo senso comum, desqualificado em função das novas exigências do mercado, como saber operar um alfa-numérico, informática, trabalhar em equipe, ser capaz de resolver problemas e executar tarefas mais complexas. Ou seja, sua qualificação é inadequada às exigências atuais.

FOLHA DIRIGIDA – A dupla formação – uma de nível técnico e outra de nível superior – que nem sempre segue a mesma área de conhecimento, pode ser prejudicial para o mercado e para o profissional?

CELSO JOÃO FERRETTI – Não necessariamente. É claro que na perspectiva do antigo ensino técnico, com formação na área específica -eletrônica, eletricidade etc. – e a busca por cursos superiores relacionados – engenharia eletrônica, engenharia elétrica, engenharia de produção etc. – isso poderia acontecer. Mas atualmente esta idéia é questionada. Hoje nos confrontamos com uma dupla flexibilização do trabalho. Uma de caráter qualitativo, referida aos processos de trabalho, que demanda profissionais flexíveis e polivalentes. Outra, de caráter quantitativo, que se expressa pela terceirização, pela fragmentação do mercado de trabalho, pela alteração profunda nas relações trabalhistas e nos contratos de trabalho. Essas mudanças questionam a formação necessária às carreiras profissionais, privilegiando trânsitos de uma situação para outra. A demanda é por profissionais ao mesmo tempo generalistas e especialistas.

FOLHA DIRIGIDA – Quais pesquisas ou trabalhos são desenvolvidos no campo de trabalho e educação pela Fundação Carlos Chagas?



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 5

CELSO JOÃO FERRETTI – Nos anos 90, quando surgiu a afirmação de que era preciso formar um novo trabalhador flexível. Muitos pesquisadores, e nós da Fundação Carlos Chagas também, dirigiram as pesquisas às empresas, com o intuito de saber o que estava ocorrendo. Era necessário identificar as demandas que estavam se pondo e como tratavam a educação para, então, questionar o papel que o discurso corrente estava atribuindo à educação. Nos últimos quatro anos, tenho trabalhado em pesquisas sobre as reformas educacionais brasileiras da década de 90, relativas ao ensino médio e ao ensino técnico que teriam por objetivo formar o novo trabalhador, o cidadão do século XXI. No entanto, a pergunta do momento é a seguinte: como as escolas estão lidando com esse pessoal? Essa não é uma pergunta nova e todo o organismo oficial que lança uma reforma costuma fazer as chamadas pesquisas de impacto, ou seja, verificam como as escolas receberam a reforma, analisam o impacto, com base nos acontecimentos para produzir adequações – eu chamo isso de pesquisa funcional. A nossa pesquisa é diferente. Estamos trabalhando com escolas técnicas e de nível médio para saber se as propostas da reforma chegaram às escolas e como chegaram. Se chegaram, por exemplo, pelo fato do professor ser um sujeito social, que assiste televisão, lê jornais e revistas ou se ele tomou conhecimento por via de documentos oficiais. Neste caso, quem despachou esses documentos oficiais? De que forma esses documentos foram passados? Foram passados todos os documentos ou apenas resumos? Os documentos foram transformados em diretivas? Em normas ou prescrições? Como é que o professor recebeu isso? Recebeu como uma obrigação ou como algo que viu ser contributivo para aquilo que já fazia há algum tempo? Já está comprovado que isso não chega às escolas da maneira como foi elaborado. Quando chega, foi decodificado de diversas maneiras. Entre o documento elaborado e o professor há muitas mediações. O que estamos examinando é como estas instituições receberam estas propostas e o que fizeram com elas e como afetam a sua prática. ✕

Entrevista concedida à FOLHA DIRIGIDA,
em outubro de 2005, à Jussara Santos.